

ALEXANDRE MARTINS

A MARCA DA BORBOLETA

CAPÍTULO DOIS



Capítulo Dois

Muito distante do lugar onde Rosângela morava com sua mãe, um rapaz alto, magro, de olhos azuis e cabelos escuros e curtos, estava sentado sobre o sofá de uma sala, examinando algumas fotos antigas que guardava num álbum de recordação.

Procurando, encontrou uma foto, onde havia uma jovem de estatura mediana, de olhos castanhos e possuidora de um lindo sorriso. Eles chegaram a namorar durante um ano e meio, mas em virtude do aparecimento de Rogério

por aquelas bandas, foi aconselhado pela meia-irmã de Rosângela, a desfazer seu namoro com ela, para deste modo, evitar atritos mais sérios com o outro rapaz que viera morar naquela cidade, e que após insistentes investidas, tentando conquistá-la, Rogério, finalmente alcançara seu objetivo.

Ao saber disso, através de Solange, compreendeu que seria melhor terminar seu namoro com a bela morena pelo fato de não querer causar aborrecimentos futuros. Não tinha medo do seu rival, mas também não seria nada

prudente causar transtornos a Rosângela por entender de que era com o outro que dali para frente, seguiria sua vida.

No entanto, quando Rosângela soube de tudo o que Solange havia contado a ele, sem que ela soubesse ou mesmo ter lhe permitido intrometer-se em sua vida particular, perdeu as estribeiras, vindo a discutir seriamente com sua irmã, chegando até mesmo a brigarem aos tapas por esta atitude impensada de sua meia-irmã.

Fechou o álbum, colocando-o de volta no armário que ficava ao fundo

da sala. Depois, retornando ao sofá, apanhou o celular e pensou em ligar para ela. Tentou, mas pelo insucesso, pareceu que sua antiga namorada havia trocado o número de seu aparelho.

Sendo assim, se quisesse revê-la, teria que procurá-la em sua casa, mas para não arrumar confusão, precisava dar um jeito de achá-la sozinha em sua residência.

Se soubesse que o outro tinha viajado para o sul do país, não teria preocupação em ir ao seu encontro, mas ele não estava a par do que ocorria com ela, e por esta razão, tentava achar um motivo para encontrar-se

com a bela morena sem deixar transparecer que estava indo até sua casa, somente com a finalidade de vê-la.

No final daquela semana, dirigindo seu carro pela cidade, resolveu dar uma passada em frente ao lugar em que a moça morava, e para sua felicidade a avistou perto de seu automóvel, tentando trocar o pneu. Ele notou que ela estava tendo dificuldades em fazer aquilo.

Pronto! A sorte começou a lhe ajudar, parou o veículo na lateral da outra calçada, atravessou a rua, indo em direção a ela.

— Posso ajudar? —
perguntou o moço,
despertando a atenção da
morena que olhando para
trás, ficou espantada ao ver
de quem se tratava o sujeito
que se oferecia para trocar o
pneu.

— Renato! — disse ela,
levantando-se — Quanto
tempo não vem aqui!

— Por que deveria vir, se
não há mais motivos para
isso? — questionou.

— Entendo. — exclamou
a moça, examinando o
semblante do rapaz — Mas e
a nossa velha amizade? Será
que chegou ao fim, devido a
minha relação com Rogério?
— perguntou.

— De certa forma, sim —
respondia Renato,
abaixando-se para trocar o
pneu.

— Por isso não veio mais
nos visitar? — perguntava,
mesmo sabendo que sua
atitude no passado o deixou
muito magoado.

— Vamos esquecer as
velhas feridas e tratarmos
de trocar logo este pneu! —
mudava o rumo da conversa.

— Como achar melhor.
— aceitou Rosângela.

— Como está sua mãe? —
quis saber.

— Forte e saudável como
sempre! — respondeu a
morena, abrindo um leve
sorriso.

— E aquele seu irmão? —
perguntava outra vez.

— Ótimo! — disse a moça
— Está jogando na Europa
— respondia novamente.

— Verdade? — brincou o
rapaz, terminando de trocar
o pneu — Mas em que país
está agora? E em qual time
está jogando atualmente? —
seguia fazendo perguntas.

— Esteve na Itália, onde
jogou na Internacional de
Milão e depois foi negociado
com o Newcastle da
Inglaterra — respondia
Rosângela, satisfazendo a
curiosidade de Renato.

— E o jovem rubro-negro
pretende voltar para o
Brasil? — fazia nova

pergunta, deixando
estampar em seu rosto a
alegria de estar perto dela
mais uma vez.

— Sim! — respondeu —
E vai jogar no Rio!

— Rio Grande do Sul? —
quis saber, curioso.

— Não! — voltava a
responder suas perguntas —
No Rio de Janeiro.

— Qual clube de lá? —
interessou-se, por ser
vascaíno.

— Fluminense — disse
Rosângela, ao mesmo tempo
em que agradecia o favor
que o moço lhe fizera.

— Ele virá rever vocês?
— seguiu perguntando.

— Certamente que sim!
— respondia a morena — E no final do mês, virá aqui me buscar para ir com ele até o Rio de Janeiro, para acertar tudo com o Tricolor carioca — comentou, entusiasmada.

— É você quem cuida dos contratos dele, não é mesmo? — recordou-se Renato.

— Desde que começou a jogar futebol! — afirmou a bela morena de olhos castanhos.

— Legal, Rô! — exclamou o moço, colocando o macaco e o pneu velho dentro do carro.

— Quer entrar, rever
minha mãe e tomar um café
como fazia antes? —
convidou-o.

— Hoje, não. — negou —
Mas quem sabe numa
próxima vez. — disse ele,
afastando-se dela.

— Venha nos visitar! —
pediu Rosângela — Será um
prazer para nós — garantiu.

— Espero encontrar o
moço por aqui, e
cumprimentá-lo pelo seu
sucesso — adiantou — E
talvez encontre sua irmã
também. — completou.

— Isso não posso afirmar.
— disse a morena — Faz
tempo que saiu de casa e há
muito tempo não tenho

notícias dela — comentou, Rosângela.

— Não liga nem para mãe de vocês? —
surpreendeu-se o rapaz.

— Se conversa com ela, minha mãe não me fala nada — respondia a moça — Mas se decidir voltar para casa, vou tentar conversar com Solange a respeito do que houve e me reconciliar com ela, resolvendo tudo o que ocorreu entre nós duas — comentava com tristeza.

— Ela não me falou sobre ele para te prejudicar, mas queria evitar atritos mais sérios — lembrou Renato — Talvez, até mesmo uma fatídica tragédia...

— Não pensei nisso naquele momento, achando que estivesse interessada em um de vocês, e por isso, me descontrolei, e acabamos brigando seriamente. — lamentava a morena, descontente com que havia acontecido entre ambas.

— Quando Solange voltar; se voltar — aconselhou — faça de tudo para esclarecer o que houve e refaçam a amizade que tinham entre si.

— É uma das coisas que mais quero nessa vida, pois desde meninas nos dávamos muito bem — jurava a morena com o aspecto entristecido.

— Agora, preciso ir! — disse ele, caminhando em direção ao seu carro — Se mudar de ideia, voltarei para rever sua mãe.

— Ficaremos felizes com isso! — alegrou-se Rosângela, voltando a abrir um sorriso.

— Tchau, Rô! — acenou com a mão, sem muita vontade de ir embora.

— Tchau, Renato! — despediu-se dele, sem que estivesse certa de que gostaria que ele voltasse para revê-la.

Antes de se aproximar do automóvel que deixou estacionado na guia da outra calçada, um outro que

vinha em alta velocidade, quase o matou, atirando-o para cima do porta malas de seu próprio carro.

Assustada, Rosângela correu ao seu encontro, temerosa que alguma coisa mais séria tivesse acontecido com ele.

— Você está bem, Renato? — perguntou desesperada.

— Sim. — respondeu — Ajude-me a sair daqui de cima, por favor? — pediu ele, levantando-se devagar.

Assim que voltou a ficar de pé sobre o asfalto, Renato e Rosângela se viram abraçados um ao outro, como se o destino tivesse

lhes preparado aquele momento para mais uma vez ficarem bem próximos entre si. O antigo casal de namorados se entreolhou por alguns instantes como se quisessem beijar um ao outro, mas a moça, encabulada, desvencilhou-se dele, querendo evitar que isso acontecesse, pelo fato de ser noiva de Rogério.

Renato passou as mãos sobre seu próprio corpo, percebendo não estar machucado, e abrindo a porta do carro, despediu-se mais uma vez.

Dando a partida no veículo, tratou logo de deixar aquele lugar.

*2.1

Na tarde do dia seguinte, Rosângela, sua mãe e Margarida se encontravam na cozinha tomando o lanche da tarde, quando alguém tocou o interfone.

Margarida ia deixando a mesa para atender, mas Rosângela, achando que fosse Renato ou algum vendedor, pediu para que a empregada continuasse com

seu café, pois ela mesma iria atender.

Apressando os passos até a porta de saída, correu para ver quem era.

Assim que a abriu, avistou uma moça morena de cabelos cacheados que aguardava ansiosa por ser atendida por alguém.

Quando chegou em frente ao portão, pode ver com clareza de que aquela moça se tratava de Solange, sua irmã por parte de pai.

— Solange! — alegrava-se Rosângela, pedindo para que ela entrasse.

— A mãe está em casa?
— perguntava a outra, apanhando as malas.

— Me deixa te ajudar! —
pediu a morena.

— Não precisa — disse
Solange, adentrando o
quintal, dirigindo-se para
dentro da casa com muita
pressa.

— Só tem essas duas
malas? — perguntou
Rosângela, querendo ser
agradável.

— Não trouxe mais nada
além do que estas duas aqui
— respondia Solange sem
olhar para trás.

— Cadê seu carro? —
estranhou a morena de
cabelos lisos.

— Vendi. — respondeu
Solange — Por isso, tive que

vir de táxi — esclareceu a curiosidade de Rô.

— Por que fez isso? —
estranhou sua irmã.

— Por que acha que
venderia aquele lindo carro?
— interrogava Solange,
pondo as malas no hall de
entrada.

— Dinheiro! — exclamou
a mais velha, fitando-a,
seriamente.

— Nada disso! —
discordou — Apenas senti
que deveria vendê-lo para
deste modo, comprar um
outro mais tarde.

— Os preços estão muito
altos — seguiu Rosângela,
querendo manter o diálogo.

— Sei disso. —
concordou Sol, percebendo
que Rosângela tinha alguma
coisa bastante séria para lhe
dizer — Onde está nossa
mãe? — perguntou.

— Na cozinha —
respondia a bela morena de
olhos castanhos — Mas
depois de matar saudade,
preciso conversar contigo —
adiantou.

— É mesmo? — indagou
Sol, caminhando rumo a
cozinha — O que tem de tão
interessante para me dizer a
não ser o fato que houve no
passado?

— É exatamente sobre
isso que quero lhe falar —
antecipava a bela morena.

— Acaso já se casou com aquele sujeito que veio morar nesta cidade? — queria saber.

— Ainda não — respondia Rô — mas estamos noivos e só não casamos devido alguns percalços que ele tem que resolver.

— Que novidade. — riuse Sol, achando graça — Como se você não soubesse disso! — voltou a rir.

— Vou te acompanhar até a cozinha, porque antes de chegar, fazíamos nosso lanche de todas as tardes — fez a outra saber.

— Ok. — disse Sol — E eu aproveito para fazer

companhia a vocês —
brincou Solange,
finalmente, abrindo seu belo
sorriso.

Ao entrar na cozinha,
qual foi a surpresa de dona
Aurélia ao vê-la retornando
para o aconchego do lar.

Levantando-se com
alegria, abraçou sua filha
mais nova bastante
emocionada.

— Filha! — foi dizendo
ela, fazendo carinho na
moça — Quanto tempo não
nos vemos. Cheguei a
pensar que não voltaria
mais para casa!

— Não faz tanto tempo
assim — divergiu a jovem
Sol — Mas precisei mudar

de ares para refletir um pouco sobre minha vida — explicava — E quando a saudade bateu mais forte dentro de mim, resolvi voltar e ficar perto de vocês outra vez — completou quase chorando.

— Ainda segue dando aulas de dança? — perguntou a mulher.

— Faz tempo que deixei de dar aulas para novamente me dedicar aos estudos — respondeu.

— Que ótimo! — contentou-se dona Aurélia, satisfeita em saber que Solange voltaria a faculdade.

— Vai continuar estudando para advocacia, ou acaso mudou de ideia, e fará medicina? — interessou-se em saber sua irmã.

— Vou seguir estudando Direito, mas caso mude de ideia, como está dizendo, então farei Engenharia — explicou Sol, enquanto mexia a colherzinha na xícara.

— Quando voltar para a faculdade, vou fazer Engenharia, ou Arquitetura — disse Rô, enquanto pensava um meio de convencer sua irmã a ir com ela até seu quarto para

acertar pendências
ocorridas no passado.

— Sabe que andam
acontecendo crimes por aqui
minha filha? — perguntava
dona Aurélia, pondo mais
café em sua xícara, no
mesmo espaço de tempo que
apanhava o açucareiro.

— Sêrio? — disse Sol,
nada surpreendida com este
fato — Crimes acontecem
em todas as cidades e não
serão as do interior que
ficarão livres deste tipo de
tragédia — ficou
preocupada.

— Os crimes aos quais
ela se refere não são
assaltos a mão armada ou
passionais. — seguia Rô —

São muito piores. Trata-se de um maníaco sexual que após convencer as moças a passar a noite com ele, acaba matando-as durante a madrugada, ou antes do amanhecer — esclareceu as ocorrências.

— Já acharam alguma pista que possa levar a polícia a capturar este maníaco? — interrogava Sol, ficando assustada.

— Acho que ainda não!
— respondeu Rosângela, digerindo seu café com leite.

— Entendi! — refletia Sol, apanhando o bule de porcelana para colocar mais café. Em seguida, pegando a

leiteira, misturava o café e o leite na xícara.

—Tenho medo de que ele comece a invadir as casas como costumam fazer os assaltantes! — dizia Margarida, horrorizada.

— Não tenha medo disso, pois o modo de agir deste louco é bem diferente. — acalmou o desespero de sua empregada.

— O que me preocupa nisso tudo é quando volto para casa à noite, ou às vezes de madrugada — comentava a morena de olhos castanhos, sentindo um calafrio no corpo.

— Acredito que não faria isso, pois dizem que

costuma ser galanteador com as moças que saem com ele durante a noite. — relembrou sua mãe.

— Quando seu noivo voltará? — quis saber Sol, tentando mudar o rumo assustador da conversa.

— Não sei! — respondeu a outra — Mas prometeu me ligar, antes de regressar para cá.

— Então, espere sentada, pois o conhecendo bem, talvez nem volte! — riu-se Solange.

— Não diga mais isso! — pediu Rosângela — Você costumava implicar com ele — chateou-se — Mas ele nunca revidou a você por

achá-lo um camarada
safado!

— Safado, não! —
divergiu Solange — Apenas
bastante interessado no que
você pode oferecer a ele —
afirmava, Sol.

— Melhor parar com
suas indiretas sobre meu
noivo, pois não quero brigar
com você mais uma vez! —
aconselhou Rosângela,
irritando-se com o que a
outra procurava afirmar
sem ter certeza.

— Um dia, vai se
arrepender, minha irmã —
advertiu Sol — E quando se
der conta de que estou
certa, por tentar fazer você
pensar em desistir desse

casamento, será tarde demais! — concluiu suas afirmações.

— Não se conforma até hoje, não é mesmo? — questionou a implicância de sua irmã — Você me faz crer que realmente gostava dele, ou quem sabe, ainda goste? — perguntou Rosângela, encarando Sol, com um olhar desconfiado.

— Não diga o que não sabe, porque isso não é verdade! — zangou-se Sol, encarando-a severamente.

— Vamos parar com esta discussão, que bem sabemos no que resultou anos atrás, fazendo as duas brigarem aos tapas por causa da

desconfiança de Solange em relação a Rogério — interveio dona Aurélia, bastante enérgica.

— Ok, minha mãe! — concordou Sol — Não voltei a esta casa para remexer num assunto que para mim foi um tormento e que quero esquecer de vez.

— É bem melhor que pense desta maneira, Sol. — pedia Rô, enraivecida com o diálogo inesperado por parte de Sol.



*2.2

Não muito distante dali, um rapaz de cabelos escuros e curtos, remexia algumas coisas guardadas em uma maleta pequena.

Depois de examinar tudo, tornou a guardá-las no fundo de uma gaveta do armário embutido.

Apanhando toalha e sabonete, caminhou a passos lentos rumo ao banheiro. Enquanto a água morna lhe percorria o corpo, ia fazendo planos para a próxima noite, onde certamente encontraria uma companhia feminina que lhe

faria desfrutar todos os seus mais íntimos desejos.

Voltando para o quarto, enquanto se enxugava, ia ao mesmo tempo escolhendo as peças de roupas que usaria para aquela noite, e claro, não poderiam faltar sua arma e o par de luvas.

Além destas coisas, levaria consigo um objeto bastante importante sem o qual não poderia concluir com chave de ouro as suas fascinantes noites de prazer.

Vestindo-se adequadamente, saiu para o trabalho.

Antes, porém, recebia uma chamada em seu iPhone, e vendo de quem se

tratava, atendeu rapidamente.

Seria sua namorada, esposa, amante, sua mãe ou irmã, e até quem sabe, uma amante?

Talvez pudesse ser uma de suas companheiras com quem mantinha relações amigáveis ou íntimas?

Assim que terminaram a conversa, o rapaz desligou, e deixando o lugar em que morava, apanhou seu carro, acelerando o motor, saiu o mais depressa possível em direção às estradas.

Na delegacia, o chefe de polícia, Claudinei conversava com os investigadores Celso e Cláudio, mostrando a eles novas revelações sobre o caso do assassino da borboleta. Ligando o laptop, fazia-os ver alguns assassinatos daquele sujeito em outras cidades, e pelo visto, a borboleta de cor branca não era a única usada por ele.

— Vejam estas moças sobre a cama — apontava para a tela. — Foram marcadas com borboletas azuis, rosas, coloridas e pretas — tentava entender o motivo de serem diferentes.

— O que ele quer dizer com isso? — dizia Cláudio, tentando entender o significado das cores em cada uma das vítimas.

— Pelo pouco que sei, as borboletas significam paz, liberdade e renovação — continuou Claudinei, ainda examinando as imagens das jovens mortas sobre as camas, sofás ou mesmo por cima dos tapetes. Uma delas estava morta por detrás do box, debaixo do chuveiro, marcada com uma borboleta dourada num de seus seios.

— Não posso acreditar que haja tempo para que ele mate essas mulheres e em seguida, consiga colocar

sobre suas peles estas borboletas e nas suas mais diversificadas cores — seguiu Celso com o comentário investigativo.

— Não haveria tempo para isso. — disse Cláudio, sem tirar os olhos de uma delas.

— Como havíamos conversado dias atrás, ele deve ser realmente um profissional — continuou o chefe de polícia, intrigado — Mas não creio que consiga fazer isso depois de cometer o assassinato, pois demoraria horas, ou estarei errado em pensar deste modo? — fazia esta

pergunta, olhando fixamente para eles.

— Totalmente certo! — disse Celso — Mas se for o que eu penso, devemos vasculhar a cidade palmo a palmo e claro, as casas de tatuagem — concluiu, convicto.

— Quantas delas temos por aqui? — quis saber o chefe de polícia.

— Umas doze ou catorze — respondeu Celso, pensativo.

— Pelo jeito, esse maluco não só gosta de mulher como também de borboletas! — disse Cláudio, ainda fitando a bela louraça morta ao lado de uma cama.

— Não consigo entender como ninguém descobriu quem é este sujeito — prosseguiu Claudinei — e por que elas não tentam correr ou gritar antes de serem mortas?

— Talvez use alguma bebida que as deixe tonta — disse Cláudio. — Pode ser que misture algum tipo de sonífero em suas bebidas, que as deixe totalmente fora de órbita, sem a mínima chance de se defender.

— Não descarto esta probabilidade, meu caro Cláudio — parabenizou Claudinei — Mas vou ver se consigo alguma policial que

esteja disponível para nos ajudar neste caso.

— Não somente disponível, como também com muita coragem de arriscar sua vida, trabalhando nesta perigosa investigação policial. — gracejou Cláudio.

— Sei de várias moças policiais que saberão fazer isso sem cometer nenhum deslize — garantiu Claudinei. — E quando chegar este momento, ela estará sendo bem protegida, pois até este dia, ou noite, estaremos a par de tudo sobre este indivíduo anormal.

— Estou pensando seriamente em fazer uma tatuagem naquela casa onde avistei um sujeito de cabelos curtos e escuros entrando, carregando alguma coisa que não pude ver o que era — recordava Celso.

— Não disse que a rua estava quase escura devido à má iluminação? — estranhou Claudinei.

— Sim! — respondeu Celso — Mas o pouco que vi, me permitiu observar este detalhe.

— Não precisa fazer tatuagem. — orientou Claudinei — Basta ir até lá e pedir para deixá-lo ver algumas amostras.

— De borboletas? —
perguntou Celso, não
gostando nada da ideia.

— O que você gostaria de
tatuar neste corpo? —
interrogou o chefe de
polícia.

— Animais ferozes! —
brincou seu comandado.

— Então, faça isso se
quiser — seguiu Claudinei
— Mas invente uma história
qualquer, querendo saber
sobre borboleta.

— Não sei como fazer
isso, pois não tenho o hábito
de tatuar o corpo —
emendou o rapaz loiro.

— Diga que tem uma
sobrinha, filha ou irmã que
está querendo tatuar uma

borboleta, mas não sabe qual espécie ou cor poderia ser — tornava a orientar o rapaz.

— Caso ele trabalhe ali, ou seja o dono do local, penso que poderá vir a desconfiar. — contrariava Celso.

— Se não fizermos alguma coisa, jamais descobriremos — procurava entusiasmar-lo o chefe de polícia.

— Até amanhã me decidirei sobre isso — disse Celso — Mas receio que não tenha êxito, inventando essa mentira.

— Mentira?! — exclamou seu chefe — Estará usando

um argumento para com isso, tentar extrair algo dele que nos possa ajudar na solução desses crimes! — corrigia Claudinei, nada satisfeito com o que dissera o investigador Celso.

— Está bem. — refletiu o rapaz — Mas caso não consiga achar o que queremos, não me culpe por isso. — adiantava Celso, pedindo licença para se retirar da sala.

— Ok! — concordou Claudinei — Se não conseguir extrair nada dele, o que não acredito, pelo menos, saberei que tentou nos ajudar nesta investigação.

— O que vai fazer Cláudio? — perguntou Celso para o outro moço.

— Vou comer alguma coisa, pois não tomei o café da manhã — respondia Cláudio, também se retirando da sala.

— Posso acompanhá-lo? — tornou a perguntar, Celso.

— Claro! — disse seu parceiro de equipe, apressando os passos.

— A dupla dinâmica não se separa! — brincou o chefe de polícia — Até para comer, tem que ser juntos — achava engraçado.

*2.3

Na noite que se aproximava, as luzes dos refletores se acendiam rapidamente como num efeito dominó.

As casas residenciais e as de diversão já tinham suas luminárias acesas. Numa dessas inúmeras casas residenciais, um homem alto e magro acabara de deixar a sala, fechando a porta para em seguida caminhar até o portão. Abrindo-o devagar, examinou o local, observando o movimento da rua, olhando de um lado a outro, pensando que talvez, estivesse sendo vigiado por

alguém, pessoas que decerto desconfiassem dele.

A rua parecia vazia, sem nenhuma alma a transitar por ali.

Apanhando seu carro na garagem, tratou logo de seguir rumo ao seu destino. Em meio a estrada, percebeu que uma viatura da polícia vinha por trás dele, na mesma velocidade, parecendo não querer ultrapassá-lo, pois de modo algum, por mais que ele lhes desse espaço para fazer isso, não deixavam de segui-lo atrás de seu carro.

Começava a ficar receoso quanto aquela atitude dos homens da lei que se

encontravam dirigindo o outro carro, mas assim que se aproximaram dele, entraram na rua que ficava do lado direito da estrada onde percorria.

Sendo assim, pode se acalmar e continuar seu percurso.

O medo das pessoas era muito grande em relação aos assassinatos ocorridos naquela cidade.

No entanto, isso também o deixava amedrontado.

Ele sabia que a polícia não sosseitaria, enquanto não pusesse as mãos nele. Precisava dar uma pausa em seus crimes, para desta

maneira, evitar ser capturado e preso.

Entretanto, sempre que resolvia dar um tempo em suas atividades maníacas sexuais e homicidas, parecia que algo estranho por dentro dele o fazia continuar cometendo aqueles horríveis assassinatos, onde, depois de matar suas vítimas femininas, deixava sempre uma borboleta sobre a pele delas.

Olhando para o lado de fora, avistou um carro azul passar do outro lado da avenida, e pelo visto, quem o dirigia era uma bela mulher de cabelos escuros. Examinando melhor, notou

que estava falando com alguém ao celular, mas junto dela, não havia ninguém.

Sem querer perder tempo, fez uma manobra rápida, fazendo seu carro transitar do outro lado da estrada, seguindo a morena do carro azul, para desta forma alcançá-la o mais breve possível.

Acelerando, aumentava a velocidade, ultrapassando outros veículos que percorriam em sua frente.

Ainda não se dando conta de que alguém a perseguia de forma implacável, a linda morena seguia em direção a uma

lanchonete, onde certamente deveria ter marcado encontro com algum rapaz, ou até mesmo, suas amigas de passeio. Diminuindo um pouco a pressão no acelerador, o sujeito prosseguia em sua busca, esperando saber onde ela estacionaria seu belíssimo carro.

Vendo que tinha parado em frente a uma lanchonete, esperou que a moça descesse e entrasse no estabelecimento, depois tratou logo de estacionar numa das vagas que ficavam em frente ao local.

Era só entrar, pedir alguma coisa e esperar o

momento certo para se aproximar dela, e assim, conhecê-la.

Sentando numa das mesas, pediu uma cerveja e algo para comer.

Enquanto bebia sua loura gelada, observava o movimento das pessoas, e claro, não desviava sua atenção da estonteante morena que, pelo jeito, parecia impaciente com o atraso de alguém.

Passado mais algum tempo, pediu mais duas cervejas, e vendo que ela ainda se encontrava sozinha, não hesitou em ir até o lugar em que estava sentada, à espera de uma

pessoa que certamente não viria.

— Se importa de lhe fazer companhia? — perguntou gentilmente.

— Estou aguardando uma pessoa que talvez nem venha para nosso encontro. — respondeu a moça, examinando-o, desconfiada.

— Não se preocupe, pois só quero lhe fazer companhia — disse ele, puxando a cadeira — Também aguardava uma pessoa e pelo jeito, ela não virá hoje.

— Verdade? — exclamou graciosa — Sua namorada ou noiva? — perguntou em tom de brincadeira.

— Uma velha amiga! —
respondeu o moço moreno,
enfeitado pelo belo sorriso
daquela morenaça.

— Entendi. — tornou a
exclamar a moça, colocando
mais cerveja no copo —
Parece que não estamos
tendo sorte em nossos
encontros, não é mesmo? —
perguntou, sorridente.

— Por que não? —
divergiu o rapaz moreno —
Afinal, estamos aqui
sentados ao redor desta
mesa, conversando, bebendo
e nos conhecendo. —
procurou ser mais direto.

— O que está tentando
insinuar? — perguntava a

morena, ingerindo sua
cerveja numa única golada.

— Estou tentando dizer
que já que nenhum de
nossos parceiros vieram nos
encontrar, talvez possamos
fazer companhia um ao
outro nesta noite. —
propunha o rapaz, voltando
a encher seu copo com
cerveja.

— Além de mim, há
muitas outras moças por
aqui, querendo uma
companhia para esta noite.
— disse ela, também
enchendo seu copo — Por
que não tenta convencer
uma delas a passar a noite
contigo?

— A maioria delas já está acompanhada, mas tive a sorte de encontrar você sozinha — foi dizendo o rapaz moreno de cabelos curtos, tentando convencê-la em ficar ao lado dele.

— Marquei encontro com outro cara, que pelo visto, não virá — seguiu a conversa — Como te achei um sujeito bacana, vou lhe dar uma chance, pois o que quero mesmo é me divertir muito nessa noite — completou.

— Ótimo! — alegrou-se o moço, pedindo mais duas garrafas para desta forma, prosseguir sua conversa com a lindíssima morena

que avistara dentro de um carrão azul, quando então transitava pela estrada.

Algumas horas depois, ambos se divertiam numa danceteria para mais tarde, na casa desta jovem, terminarem com chave de ouro o que começaram na lanchonete.

A casa da morena era tão linda quanto ela, mais parecendo um palacete.

Em meio a sala, ambos trocavam carícias, desfazendo-se pouco a pouco, de suas roupas.

Totalmente nus, subiram as escadas abraçados um ao outro, ainda se acariciando mutuamente.

No quarto, deitados sobre uma larga cama de casal, desfrutaram por demais daqueles momentos de intenso prazer, saciando seus corpos num ímpeto contagiante.

— Qual é o seu nome? — quis saber a moça.

— Já não disse na lanchonete que me chamo Renato — mentiu.

— Ah, isto mesmo! — riu a morena, apanhando um maço de cigarros que ficava na estante acima da cama — Você também vai querer um? — perguntou ela, acendendo um.

— Não fumo — respondeu ele, no mesmo

espaço de tempo em que acariciava suas volumosas coxas.

— Pare um pouco. —
pediu — Deixe-me saborear este cigarro, e depois seguiremos com o que estávamos fazendo por mais algumas horas.

— Como queira! —
conformou-se, recostando-se na cabeceira da cama.

— Em pouco menos de meia hora depois, reiniciaram com a mesma intensidade o que faziam instantes atrás, antes da bela morena pedir-lhe uma pausa para fumar.



*2.4

Na delegacia de polícia, Claudinei, Cláudio e Celso, faziam planos para capturar o assassino da borboleta que agora não poderia ser tachado como o criminoso da borboleta branca, pois ao serem feitas outras investigações, descobriram que em outras cidades este sujeito usava diversas cores e quase todas as espécies delas. Claudinei tinha em mente, capturar este maníaco o quanto antes, e assim, vingar a morte de sua amiga.

Se fosse possível, ele mesmo lhe meteria uma ou mais balas na cabeça, pondo um ponto final neste caso.

No dia seguinte, antes do entardecer, foram informados sobre mais um crime ocorrido num local um pouco distante daquela cidade. Uma jovem morena foi encontrada morta em seu quarto por sua empregada que desesperada não pensou duas vezes em chamar a polícia.

Ao vasculharem o local do crime, acharam-na sem roupa sobre o tapete com o pescoço quebrado.

Daquela feita, não havia nenhuma marca sobre sua

pele que pudesse afirmar
que o assassino da marca da
borboleta esteve ali na noite
passada.

Assim que Celso e
Cláudio chegaram ao local,
puderam averiguar o corpo
da bela jovem que naquele
momento estava sendo
encaminhado para o
necrotério.

— Meu Deus! —
exclamou Cláudio,
inconformado — Como ela
era bonita!

— Já sabem o nome dela?
— interrogou Celso para um
dos membros que faziam
aquela investigação.

— Sim! — disse o outro
— Seu nome era Rosemary
— respondeu a pergunta.

— Era casada?

— Acredito que não. —
respondia outra vez.

— Onde se encontra a
diarista que trabalha aqui?
— tornava a interrogar
Celso, examinando tudo.

— Na cozinha — disse o
outro rapaz, apontando para
uma das portas, que ficavam
ao fundo da imensa sala.

— Vou falar com ela
agora, pois preciso saber
mais sobre esta moça e o
que costumava fazer
durante as noites de fim de
semana.

— Não sei se conseguirá responder porque está muito nervosa — adiantou um deles. — Fomos obrigados a dar-lhe um calmante, para desta forma mantê-la em pé — informou.

— Ok. — pensou Celso — Farei isso mais tarde — voltando a examinar tudo para ver se encontrava alguma pista deixada pelo maníaco da borboleta.

— Se ele quebrou seu pescoço, isso quer dizer que houve luta entre eles, ou estarei errado em pensar deste modo? — perguntava Cláudio, abaixando-se para ver se havia algum objeto embaixo da cama.

— Talvez sim, talvez não.
— refletiu Celso, puxando as cobertas para fora.

— Por que fez isso? —
Não entendeu Cláudio.

— Curiosidade
profissional! — disse ele,
levantando o colchão; mas
não encontrando nada
diferente.

— O que você imaginava
encontrar aí debaixo deste
colchão? — perguntava
Cláudio, achando que seu
colega de trabalho estivesse
exagerando.

— Não sei. — pensou em
voz baixa por um instante —
Mas quando se trata de
crimes como este, é preciso
desconfiar de tudo —

satisfazia a curiosidade de seu companheiro de equipe.

— Entendi. — refletiu Cláudio, pondo o colchão no lugar, juntamente com as outras coisas que haviam por cima da cama — Anda vendo filmes demais! — brincou.

— Já vi muitos — concordou, Celso — Mas ultimamente, não tenho mais tempo para isso — completou, retirando-se, junto com Cláudio, do quarto para ir onde ficava a piscina.

— Não me diga que está pensando que ambos tiveram tempo para vir

nadar aqui? — estranhou Cláudio.

— Por que não? — retrucava Celso, admirado por tudo o que via.

— O que te faz pensar que também estiveram aqui se divertindo, antes de entrarem na casa, tirarem suas roupas e irem para o quarto onde ocorreu o crime? — perguntava Cláudio, bastante impressionado com tudo o que de bonito podia ser visto numa casa como aquela!

— Pelo que vejo, você está coberto de razão — aceitou Celso — Desta feita, não terei como discordar,

por não haver nenhum indício de que me possa fazer crer que estiveram nesta piscina, antes que fossem lá para dentro — tornou a examinar o lugar.

— Provavelmente, assim que entraram neste casarão bonito, após se desfazerem de suas roupas, foram direto lá para cima — dizia Cláudio, convicto — Depois, como de costume, o sujeito se divertiu e... — de repente fez uma pausa.

— Termine o que estava me dizendo — pediu o rapaz loiro.

— Bem... Depois de saciar seus desejos, tratou logo de dar cabo daquela

linda mulher como fez com as outras — seguiu Claudio, demonstrando raiva — Mas por que teve que estrangular? Ainda não consigo entender...

— Ele deve tê-la pego por trás, fazendo parecer que a acariciaria, mas na verdade, a abraçou pelas costas para matá-la, estrangulando e quebrando seu pescoço — explicou Celso o seu parecer sobre o modo de agir do assassino.

— E quanto a marca da borboleta? Por que não a marcou como fez com as outras? — queria entender o rapaz moreno.

— Por que na verdade, as outras já estavam tatuadas e esta não. — deduziu Celso.

— Como assim? — quis saber Cláudio.

— As outras foram tatuadas no local que ele trabalha, ou visita. — seguiu Celso — É deste modo que consegue conhecê-las, sabendo tudo sobre elas.

— Estranho... — refletiu o outro — Mas aconselho a fazermos uma visita àquela casa onde avistou um sujeito entrar.

— Faremos isso amanhã! — concordou Celso.

Antes que deixassem o local do crime, o investigador Celso recebia

uma ligação do chefe da
polícia, pedindo-lhes que
retornassem à chefatura.

No próximo capítulo...

A investigação leva a equipe do delegado Claudinei até a lanchonete onde a última vítima se encontrou com seu algoz. Eles conseguirão descobrir alguma coisa?

O noivo de Rosângela retorna de sua viagem. Vai até a casa dela mas quem está lá é Sol... A conversa entre eles é repleta de tensão...

Um galanteador misterioso vive experiências

noturnas com mulheres diferentes...



Alexandre Martins
© Copyright - A Marca da Borboleta

Diagramação | Capa
ABarros editora

1ª edição

Livro Digital



ABarros editora
São Vicente - SP

M2026

A marca da borboleta / Autor da obra: Alexandre Martins; Diagramação e Capa:
ABarros editora – São Paulo: ABarros, 2026.

Livro em PDF (por Capítulos)

ISBN 978-65-84269-25-5

1. Marca. 2. Borboleta. II. Martins, Alexandre (Organizador). Adriana Barros
(Editora). III. Suspense. IV. Título.

CDD 222.026

Índice para catálogo sistemático

I. Suspense




ABarros
editora
Inclusiva



Rua Frei Gaspar, 57 - Centro - São Vicente
CEP: 11310-060 - São Vicente - SP
11 9.9801-6839 | 11 9.7764-9788
@abarroseditoraoficial
www.abarroseditora.com
abarroseditora2@gmail.com